



Panorama da **AQUICULTURA**



ALGAS

**Uma alternativa para as
comunidades pesqueiras?**

Está no ar o novo site da Panorama da AQUICULTURA

Entenda o off-flavor nos peixes cultivados

Carcinicultura x Ambientalistas: diálogo ou intolerância?





A Dança dos Números da Piscicultura Paranaense

Por:
Antonio Ostrensky - Grupo Integrado de Aqüicultura e
Estudos Ambientais - UFPR. E-mail: ostrensky@ufpr.br

Luis de Souza Viana - Emater-PR.
e-mail: souzaviana@zipmail.com.br

Assim como faz há quase dez anos, sempre com grande esforço e competência, a EMATER-PR finalizou recentemente o levantamento estatístico anual dos dados sobre a produção e comercialização de peixes cultivados no Estado do Paraná para a safra 2003-2004.

Esse é um trabalho digno de aplausos, não só porque poucos estados do país conseguem fazer algo semelhante, mas, principalmente, porque é difícil conceber a idéia de que os governos tentem implantar programas minimamente eficientes, voltados para o desenvolvimento de uma determinada cadeia produtiva, se não possuírem as informações setoriais mais elementares a respeito da atividade básica sobre a qual essa cadeia está centrada, no caso, peixes cultivados.

Como já havíamos feito com os dados levantados pela EMATER-PR em relação à safra 2001-2002 – textos publicados na revista Panorama da Aqüicultura (edições 71 e 72), utilizaremos os dados atuais para uma avaliação mais cuidadosa sobre a piscicultura paranaense.

No artigo publicado em julho de 2002 (edição 71), após analisarmos o painel geral da safra paranaense daquele ano, concluímos que o produtor local lucrava, em média, cerca de R\$ 406,00/ano com a produção de peixes cultivados, ou o equivalente a R\$ 1,13/dia.

Utilizando a mesma metodologia para avaliar os dados gerados agora pela EMATER-PR, podemos concluir que a situação mudou positivamente desde então. Os cálculos, apesar de simplistas, são ilustrativos dessa nova realidade: o Paraná tem, de acordo com os dados da EMATER-PR, 22.930 piscicultores, que produziram 16.597 toneladas, na safra 2003-2004 (Tabela 1). O preço médio de venda de tilápias na Região Metropolitana de Curitiba ficou, nesta safra, por volta de R\$2,50/kg. Considerando esse valor, os

Tabela 1 - Evolução da produção da piscicultura no Estado do Paraná (toneladas)

Região	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Paranaguá		100	227	131	165	93	55	106
Curitiba		336	371	419	474	438	526	550
U. da Vitória		159	205	145	132	143	169	179
Ponta Grossa		135	220	175	154	195	386	285
Guarapuava		200	169	233	188	161	185	223
Ivaiporã		500	330	302	256	258	235	200
Irati		100	116	128	167	154	152	263
Lapa		120	166	108	97	98	99	49
Umuarama		47	638	713	456	363	383	387
Paranavaí		47	152	157	237	159	197	141
Maringá		500	557	561	626	769	736	514
Londrina		200	437	538	567	659	476	430
C. Procópio		2000	2318	2562	2310	2339	2443	1902
S.A. da Platina		548	889	617	698	638	810	697
Pato Branco		416	573	559	618	738	532	468
Fco. Beltrão		303	432	763	1120	707	880	627
Cascavel		2215	2052	2508	2253	1673	2139	1618
Toledo		5120	5826	5952	5781	7132	7269	7339
C. Mourão		110	582	804	427	548	345	406
Apucarana		505	180	199	170	257	222	214
TOTAL	7.700	13.661	16.417	17.573	16.893	17.522	18.239	16.597

Fonte: EMATER-PR, 2004

produtores geraram uma receita total de cerca de R\$57.325.000,00, ou o equivalente a exatos R\$2.500,00/ produtor/ano.

O grande problema, tanto em 2002 como hoje, é saber o quanto o produtor efetivamente lucra com a atividade. Como o sistema de produção de peixes no estado envolve quase sempre o uso de ração comercial, o custo de produção costuma oscilar, segundo os cálculos mais otimistas, entre R\$ 1,60-2,10. Assim, considerando uma margem média de lucro de 40% (talvez já bastante exagerada em relação à realidade do estado), cada produtor estaria ganhando, em média, R\$1.000,00/ano com a atividade, ou R\$83,33/mês, ou R\$2,78/dia.

Apesar dos números mostrarem que em apenas dois anos, a renda dos piscicultores teve aumento real de quase 80% (já descontada a inflação acumulada no período que, segundo o IGP-M, foi de 36,5%), esse valor já indica que a imensa maioria dos piscicultores paranaenses não tem na piscicultura a sua única ou mesmo a principal fonte de renda. Para uma grande massa de produtores, a piscicultura é apenas mais uma das muitas atividades desenvolvidas na propriedade.

Números da Safra 2003-2004

Contudo, sempre que se está diante de dados estatísticos, deve-se tentar enxergar não só o que os números mostram, mas, principalmente, aquilo que eles teimam em esconder.

No caso da safra 2003-2004, várias informações chamam a atenção. Dentre elas, algumas mais evidentes, como o fato da tilápia, depois de ter andado meio em baixa nos anos de 1999 e 2000, estar se

consolidando cada vez mais, como o principal peixe da piscicultura paranaense. Nesta última safra, a tilápia representou 74% das 16.597 toneladas de peixes produzidas. Os outros 26 % foram de carpas, bagres e outras espécies menos cotadas (Gráfico 1).

Além disso, outras informações devem ser analisadas mais cuidadosamente:

- Nas seis últimas safras, a produção do Paraná bate o ponto na casa das 16-18 mil toneladas. Na verdade, a produção desta última safra foi praticamente a mesma da safra de 1998 (Tabela 2);

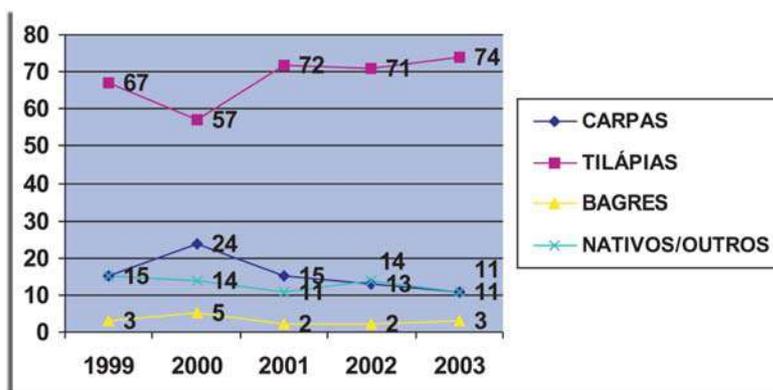
- Em relação à área cultivada, a safra 2003-2004 assemelha-se àquela de 1997, pouco mais de 7.751 ha de área alagada para a produção de peixes cultivados;

- Na safra de 1998, a produtividade média era de 2.026 kg/ha/ano. Em 2003/2004 chegou a 2.141 kg/ha/ano (Gráfico 2). Ou seja, um aumento de apenas 6% em 6 anos. Considerando a tilápia como exemplo, 2.026 kg/ha significam 4.052 peixes de 500 g por hectare, ou 0,4 peixes/m². Tecnicamente, é muito pouco... É índice zootécnico de regime extensivo sendo obtido com os custos de um regime semi-intensivo de produção. Traduzindo: é esforço demais, para resultado de menos.

Dos pesqueiros para a indústria de processamento

Mas é em relação ao destino da produção que vem o dado mais intrigante. Obviamente, o lucro (ou o prejuízo) do produtor vem da venda de seu produto. Até aí nenhuma novidade. O fato que suscita uma maior reflexão é que, como já era absolutamente previsto, a comercialização de peixes para os pesque-pague (conhecidos como pesqueiros em algumas regiões) vem caindo, quase que linearmente, ano a ano. Em 2000, 67% dos peixes produzidos no Paraná foram destinados ao abastecimento dos pescadores de final de semana. Em 2003, essa taxa havia caído para 50%. E quem passou a comprar os peixes? A indústria, cuja contribuição subiu de 19%, em 2000, para

Gráfico 1 - Participação das espécies na produção de peixes no Estado do Paraná (%)



Fonte: EMATER-PR, 2004



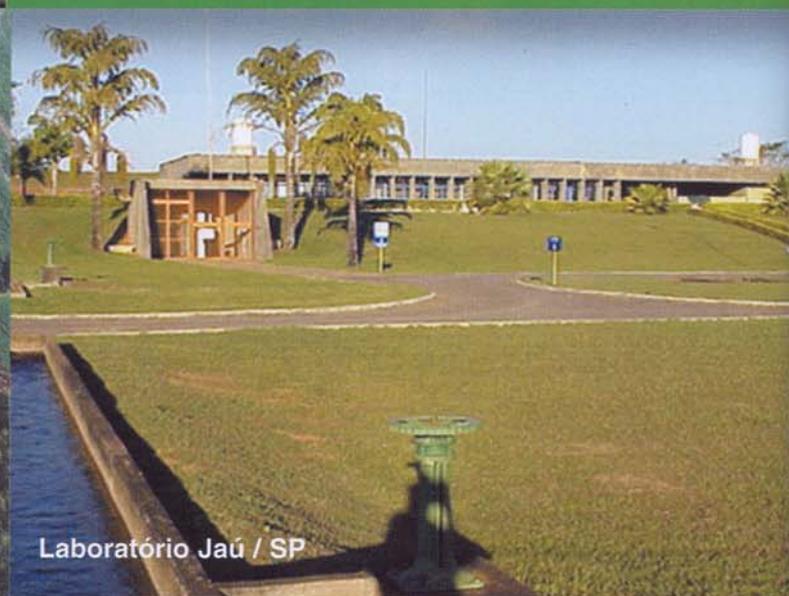
Laboratório Lins / SP

Aquabel.

Maior produtora de alevinos de tilápia do Brasil, agora com mais dois laboratórios.



Laboratório Londrina / PR



Laboratório Jaú / SP

Dando continuidade ao processo de expansão de sua capacidade produtiva, a Aquabel implanta duas novas unidades no interior do Estado de São Paulo, passando a contar com 1.400m² de modernos laboratórios, 11 hectares de lâmina d'água, sendo 1,5 hectares de estufas, e capacidade produtiva de 3 milhões de alevinos por mês.



Reversão Sexual por Incubação Artificial

Novos Produtos

Alevinão e Juvenis
Adaptados para tanque-rede

Supreme Tilápia
Exclusividade Aquabel no Brasil

GenoMar
Supreme Tilápia™

Para maiores informações sobre outras variedades de tilápia, consulte um dos nossos técnicos. Vendas exclusivamente pelos telefones: (43) 9972-3546 ou (43) 255-1555.

ATENDEMOS TODO O BRASIL

<http://www.aquabel.com.br>
aquabel@aquabel.com.br



PISCICULTURA
AQUABEL
ALTA TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO DE ALEVINOS

Tabela 2 - Evolução da área de cultivo (ha) e produção de peixes (t), no Estado do Paraná

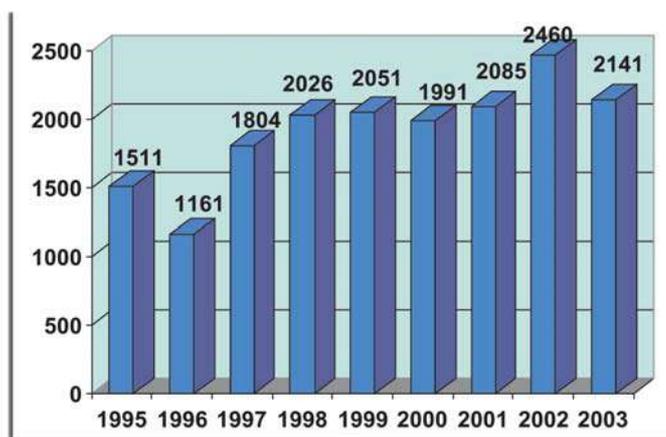
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
ÁREA (ha)	4.396	6.632	7.574	8.103	8.566	8.483	8.402	7.414	7.751
PRODUÇÃO (t)	6.641	7.700	13.661	16.417	17.573	16.893	17.522	18.239	16.597

Fonte: EMATER-PR, 2004

36% do mercado regional em 2003. Ou seja, os 17% da safra que deixaram de ser vendidos para os pesque-pague passaram a ser comprados pela indústria nesse período (Gráfico 3).

O que deveria ser motivo de alegria, pois a indústria tem, sabidamente, a capacidade de gerar uma demanda maior, mais estável e mais organizada para garantir a sua matéria-prima (que é o peixe), é também motivo de grande preocupação.

Gráfico 2 - Evolução da produtividade (kg/ha) de peixes no Estado do Paraná



Fonte: EMATER-PR, 2004
Dados 1994/95: SEAB, 1995.

Todos sabem que no pesque-pague o peixe é destinado primariamente ao lazer. Ninguém vai a um pesqueiro comprar o peixe para preparar no jantar, mas sim para se divertir. O peixe acaba sendo só a isca para atrair o consumidor ao pesqueiro e fazê-lo gastar com vara de pescar, cerveja e salgadinho. A presença do peixe na mesa de jantar é, na maioria das vezes, um mero efeito colateral da diversão. A indústria de beneficiamento, por sua vez, só terá sucesso financeiro se o consumidor realmente sentir vontade de consumir peixe (e não vara de pescar ou salgadinho).

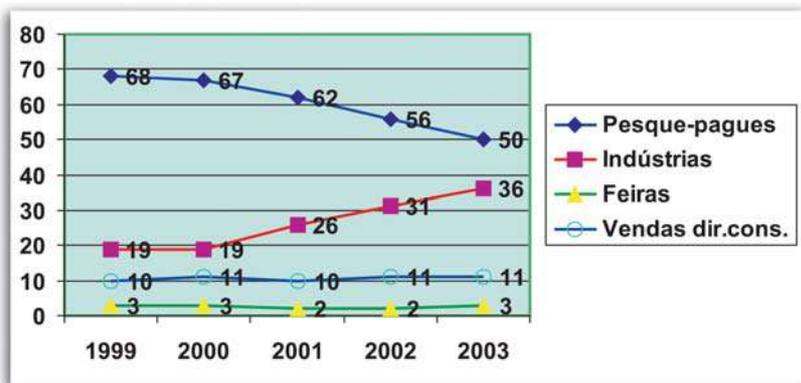
Os parâmetros de competição e de comparação em cada um desses setores são bem diferentes. Com relação ao lazer, é mais difícil se estabelecer o quanto as pessoas acham justo ou se dispõem a gastar por algumas horas de diversão junto à família ou aos amigos, no final de semana. Por

outro lado, é só entrar em qualquer supermercado, e o consumidor pode comparar se o peixe vindo da pesca é mais caro ou mais barato que a tilápia produzida no pesqueiro. Ou, o que é pior, o quanto o quilo da tilápia é mais caro que o quilo do peito de frango. A tendência é que o pesque-pague consiga sempre remunerar melhor o produtor de peixes, do que a indústria processadora. Pelo menos até agora sempre foi assim.

“Ninguém vai a um pesqueiro comprar o peixe para o jantar, mas para se divertir. O peixe acaba sendo a isca para atrair o consumidor e fazê-lo gastar com vara de pescar, cerveja e salgadinho”.

O que preocupa, portanto, não é o fato de que em quatro anos a indústria processadora tenha abocanhado 17% do mercado que era dos pesqueiros, mas sim o fato de que isso aconteceu sem que tenha havido qualquer aumento significativo de produção ou de produtividade nesse período. Na prática, sob o ponto de vista do produtor, o mercado substituiu um comprador que paga mais e que é relativamente menos exigente com relação à qualidade do seu produto, por outro que, além de mais exigente, não o remunera da mesma forma. Não se produziu mais peixe para atender a demanda dessa indústria. Pelo contrário, os números

GRÁFICO 3 - DESTINOS DA PRODUÇÃO DE PEIXES NO ESTADO DO PARANÁ (%)



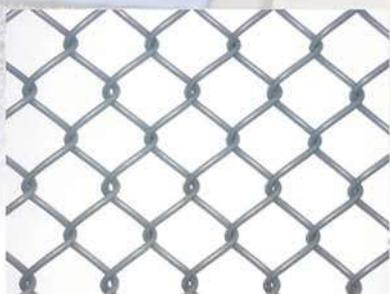
Fonte: EMATER-PR, 2004

Foto ilustrativa

TelaPesc®

SEGURANÇA E PROTEÇÃO

Telas de simples torção especialmente desenvolvidas para utilização na construção de Tanques-Rede, para piscicultura, fabricadas em arames de "ZINCAGEM PESADA" com camada de zinco de 230 g/m² conforme NBR 6331, revestida em PVC de altíssima resistência, com espessura mínima de 0,40mm (NBR 10514), contendo filtro para minimizar a ação dos raios solares (Proteção contra UV).



Malhas	Arame Zincado	Arame Revestido em PVC
20 x 20 mm		
25 x 25 mm	1,65 mm	1,65 / 2,55 mm
30 x 30 mm		

MACCAFERRI

A M E R I C A L A T I N A

Maccaferri do Brasil Ltda.

Rod. Dom Gabriel P. B. Couto, Km 66
Bairro Medeiros
CP 520 / CEP 13201-970 / Jundiá - SP

Tel.: (11) 4589-3200

Fax.: (11) 4582-3272

E-mail: alambrados@maccaferri.com.br

Filiais:

Belo Horizonte	Tel.: (31) 3497-4455
Curitiba	Tel.: (41) 286-4688
Recife	Tel.: (81) 3271-4780
Rio de Janeiro	Tel.: (21) 3866-8844

podem estar indicando que foi a indústria que se aproveitou da queda da demanda dos pesqueiros.

O Modelo Paranaense

O caso do Paraná é emblemático. Ao envolver cerca de 23.000 produtores, a maioria pequenos e micro produtores, a piscicultura resalta seu papel social, cuja importância talvez seja até maior que a econômica. No entanto, sem capacitação técnica, sem organização e sem orientação adequada, esses produtores, que são a base da cadeia produtiva da piscicultura, não terão condições de se manter nesse novo cenário que começa a ser delineado. Sem oferta regular de matéria prima de qualidade, a indústria quebra. Ou seja, o problema é que o modelo que aí está (se é que há algum), é um modelo nada sustentável de desenvolvimento de uma cadeia produtiva.

Além disso, há uma questão macroeconômica que não pode ser negligenciada: em que se diferenciam os investimentos na área de piscicultura que dão resultados reais e os que apenas destroem, lenta e continuamente, o capital investido? Seguramente a resposta está, em maior ou menor grau, vinculada à capacidade do empreendedor. O mercado de peixes já permitiu, mas dá sinais de que não permitirá mais, erros ingênuos, feitos por intuição ou calcados na simples vontade de dar certo. O grande empreendedor, independentemente do tamanho do seu capital ou do seu patrimônio, é aquele que possui uma visão estratégica do seu negócio, não se limitando a satisfazer somente suas expectativas pessoais, mas que consegue entender que está inserido num ambiente dinâmico, volátil e altamente dependente de sua capacidade de se relacionar com os diversos segmentos que compõe a sua atividade.

É importante que o empreendedor, seja ele do setor produtivo ou da indústria de transformação do pescado, entenda que a profissionalização nos processos de gestão e operação é a chave para o sucesso do seu empreendimento.

Mas como o pequeno piscicultor pode sozinho modificar essa sua

realidade? Infelizmente, não pode. Há necessidade de que o poder público compreenda a real dimensão social da piscicultura no país e faça sua parte, o que, via de regra, simplesmente não vem sendo feito. É evidente que os problemas da piscicultura não se limitam ao setor produtivo. Por exemplo, um levantamento da Associação de Comércio Exterior do Brasil (ACEB) aponta que as despesas com transporte, armazenagem e distribuição representam até 35% do preço final dos produtos destinados à exportação. É mais que o triplo do peso da logística para as empresas de países desenvolvidos. Lá fora, o impacto dos custos logísticos no valor final da mercadoria varia de 10% a 12%. Tamanho diferença acaba reduzindo a competitividade dos produtos brasileiros. Com o setor aquícola brasileiro não é diferente. Com um setor produtivo enfraquecido, um setor de transformação limitado pela falta de matéria prima e sem competitividade para brigar pela conquista de novos mercados, a cadeia produtiva da piscicultura paranaense e brasileira tende a continuar patinando em um patamar muitíssimo inferior ao seu tão propalado potencial de desenvolvimento.

Se o poder público nacional pretende fazer algo mais concreto do que apenas repetir indefinidamente e à exaustão a já desgastada ladainha de que o país tem 12% das reservas de água doce do planeta, um imenso potencial para o desenvolvimento da piscicultura, etc... essa é a hora de parar com a falácia e partir para a ação! Os números mostram claramente que o sinal amarelo está aceso.

Ah! E com relação ao aumento real de 80% na receita média dos produtores paranaenses, que chegou a R\$ 2,78 ao dia na safra 2003-2004, é importante dizer que a Organização das Nações Unidas considera que está abaixo da linha da pobreza todo o cidadão que vive com menos de um dólar por dia. Estamos quase conseguindo chegar lá! Como os R\$ 2,78/dia equivalem hoje a mais ou menos US\$ 0,91, falta muito pouco para os produtores de peixes do Paraná atingirem a linha da pobreza. Ainda bem que os piscicultores paranaenses não dependem da venda de peixes para viver...